



Cinema, História e Literatura: Possibilidades de Diálogo.¹

Luis de Castro Campos Jr
Professor da UENP/Fafija/Imesa.²

Resumo: Neste artigo buscamos discutir e compreender o cinema como uma ferramenta importante para a educação enfocando em um primeiro momento seu emprego para o ensino superior em um contexto interdisciplinar com a história e a literatura. Como se trata de uma abordagem inicial a preocupação é um debate ainda que incipiente para retomarmos esta temática em outros congressos e pesquisas posteriores.

Palavras-Chave: cinema, história, educação, imagem, literatura.

Introdução.

No final do século XIX o mundo foi abalado pela segunda fase da Revolução Industrial que modificara profundamente a relação das pessoas no mundo do trabalho e em sua organização social.

Países como Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos deram um verdadeiro salto neste momento da história humana, onde ciência e técnica passaram a servir de apoio para as necessidades impostas pelo mercado cada vez mais competitivo e exigente.

Com o surgimento das fábricas milhares de pessoas foram empregadas desenvolvendo suas funções em um sistema desumano marcado por três elementos importantes: cidades, máquinas e multidões.

Na segunda fase da Revolução Industrial ocorreram transformações importantes que se processaram na estrutura da produção tendo como reflexo a utilização de novas formas de energia como a eletricidade e o petróleo.

Neste contexto surgiram novos inventos científicos que passaram a exercer uma influência crescente no cotidiano dos homens como: motor a explosão, telégrafo, os

¹ Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Audiovisual, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007.

² Professor da UENPr – Jacarezinho (História)/ Imesa (Jornalismo) – Doutor em História – FCL – Unesp, campus de Assis.



corantes sintéticos. Assim quando se menciona esta nova fase industrial é possível verificar uma aproximação entre os inventos nos laboratórios e sua utilização nas fábricas.

De forma comparativa a primeira fase da RI foi concentrada na indústria têxtil enquanto que a segunda valorizou a chamada indústria pesada usando em larga escala a eletricidade e o petróleo.

No rastro deste desenvolvimento há de se considerar que houve uma grande concentração de trabalhadores nas fábricas imprimindo um crescimento acelerado dos grandes centros urbanos. Na fábrica havia a rígida disciplina além da divisão entre o capital e os meios de produção. Já neste período a mecanização da produção provocava seu primeiro impacto social levando milhares de trabalhadores ao desemprego e detonando as primeiras manifestações contrárias como o movimento ludita.

Após esta rápida apresentação acerca da Revolução Industrial podemos situar o nosso objeto, no caso o cinema, como um fruto direto de tais transformações que abalaram o cotidiano dos homens na era contemporânea.

O rádio já surgia com Marconi sendo um bem de elite quanto a fabricação de suas primeiras unidades. Mais tarde foi utilizado largamente na I Guerra Mundial. O cinema aparece na transição para o século XX e tem um impacto importante na vida dos cidadãos, como conquista tecnológica, e como instrumento de transformação cultural.

Mas qual sua importância para a educação? Em que sentido podemos considerar que o cinema e mais recentemente as fitas VHS e os DVDs tem influência no cotidiano escolar?

No último encontro da CELACOM realizado em 2005 na cidade de São Bernardo do Campo os cientistas da área de comunicação e educação estavam preocupados com a influência das imagens (filmes, desenhos) sobre as crianças e seu aprendizado.

Existe um debate (sobre o qual não entraremos em detalhes) que divide os educadores acerca dos efeitos negativos da televisão sobre crianças e adolescentes. E seus reflexos com que competidora da escola.

É um debate que poderá ser retomado em questões futuras acerca da viabilidade ou não dos meios de comunicação e sua influência sobre a sociedade.

1.Uma Breve História do Cinema.

O cinema apresenta estreita relação com os frutos da segunda fase da Revolução Industrial. Ele surge em 1895 quando 33 pessoas assistiam às primeiras projeções de imagens em um curioso aparelho chamado de cinematógrafo. Inventado pelos irmãos Lumière este aparelho logo se tornou popular e atraiu uma multidão de curiosos que buscavam verificar sua utilidade.

Os primeiros filmes eram curtos (possuíam apenas 50 segundos) e apresentavam cenas da vida cotidiana, cenas da cidade. Embora a imprensa não tenha sido atraída em um primeiro momento, logo a novidade se espalhou e dos 33 assistentes o número de pessoas elevou-se rapidamente para 2.000 que ficavam à porta do Salão Indiano de Gran Café esperando sua oportunidade para ver as cenas que eram projetadas. Havia assim uma grande curiosidade quanto às “fotografias animadas” e sua mensagem através das imagens.

Os criadores do cinematógrafo não buscavam sua comercialização e passaram a utilizar seu aparelho em várias partes do mundo buscando retratar as cidades em todos os lugares.

Assim em um primeiro momento a tendência do cinema foi passar uma imagem “documental” ressaltando as situações cotidianas, hábitos, costumes e paisagens. As sociedades e a cultura foram exploradas nesta nova fase.

Os irmãos Lumière conseguiram documentar a coroação de Nicolau Romanova inaugurando uma nova fase do jornalismo, já em 1896.

O antropólogo francês Jean Rouch também teve uma contribuição importante ao cinema quando passou a documentar suas pesquisas na África mostrando as sociedades que estava estudando e valorizando os equipamentos usados. Em novas situações estes equipamentos foram sendo aperfeiçoados e deram grande contribuição ao mundo cinematográfico.

Ao abordar tais sociedades, Rouch mostrava seus detalhes internos ressaltando seu cotidiano e suas principais atividades. Sua atividade teve um aspecto inovador exigindo aparelhos portáteis e de grande funcionalidade. Provavelmente sua atitude inspirou a indústria sendo a gênese das câmeras portáteis digitais do século XXI vendidas em lojas de departamentos ou mesmo pela internet.

Já no início do século XX o francês Gerge Méliès fundou uma empresa de nome Star-Film realizando mais de 500 filmes mas enfocando diferentes gêneros. Mais tarde nos



Estados Unidos D.W.Griffith inseriu um novo significado à linguagem cinematográfica inserindo a seleção de imagens na filmagem e organizando-as em uma seqüência temporal na montagem.

Sua nova “metodologia deu novo alento ao cinema porque a partir deste momento a preocupação não apenas documentar o real. Sua ação abriu o caminho para se inventar uma nova realidade tendo como parâmetro a forma de filmar e a seleção dos planos de imagem.

Se por um lado os novos equipamentos que surgiam serviram para registrar os acontecimentos no cotidiano e na realidade, por outro eles abriram o caminho para criar novos “mundos” e novas situações que seria largamente utilizado pelo cinema industrializado.

No século XX o chamado cinema-indústria cresceu e se tornou dominante, de forma específica nos Estados Unidos assinalando o desenvolvimento de um amplo mercado onde as produções eram comercializadas e os estúdios se tornaram grandes empresas no ramo do entretenimento.

Uma das características desta nova indústria, era sua imagem e sua mensagem elaborada de forma linear, quase sempre apresentando um happy end muito presente nas produções hollywoodianas e que além da sofisticação alcançavam escala industrial.

Torna-se importante destacar que os Estados Unidos não constituíram o único país a utilizar o cinema. A então criada União Soviética (Revolução Russa de 1917) investiu pesadamente na produção de filmes buscando propagar suas idéias. Dentre os grandes cineastas torna-se imprescindível citar Serguei Eisenstein que utilizando uma linguagem nova tornou-se referência no cenário mundial e impactou a filmografia com sua obra importante: O Encouraçado Potemkim considerado por muitos estudiosos o melhor filme do século XX.

A produção de filmes na ex-URSS tornou-se irregular apresentando momentos de grande desenvolvimento e outros de crise.

Na Alemanha de forma específica nos anos 20 e 30 uma grande contribuição foi dada ao cinema com as obras de Carl Mayer e Fritz Lang marcando um movimento

decisivo conhecido como expressionismo alemão onde a subjetividade, uma “vida interior” alcançava grande destaque.³

Em etapas sucessivas surgiram o neo realismo italiano buscando retratar a realidade social da Itália e suas conseqüências no pós-guerra com uma característica peculiar: os filmes não possuíam enredo e nem atores profissionais. (Duarte:2002)

Na França a Nouvelle Vague tornou-se um movimento de grande importância de onde despontaram diretores como Jean Luc Godard e Françoise Truffaut. Com sua influência surgiram os clubes de cinema onde as discussões sobre estética ganhavam mais espaço e reforço que a publicação de uma revista importante a Cahiers du Cinema atingindo muitos os cineclubes. É importante destacar que o apoio estatal favoreceu o cinema francês na sua difusão mundial permitindo ocupar um lugar de destaque.

2. Cinema e Educação.

No Brasil recentemente surgiu um movimento na área de comunicação denominado, educomunicação reunindo pesquisadores que tem buscado compreender esta relação como elemento positivo.

Entretanto quando se fala em público de cinema, se levarmos em conta a realidade brasileira existe uma grupo da população que tem acesso a filmes: os estudantes universitários e membros das classes A e B.

A grande massa da população não possui recursos financeiros para conseguir acesso às produções cinematográficas ficando esperando sua aparição nas redes de tv abertas. Geralmente a seqüência de um grande blockbuster (o chamado filmão industrial) é a seguinte. Ele é lançado após publicidade maciça nos grandes canais de comunicação e apresentado em salas de exibição. No caso brasileiro os shopping center tornaram-se um espaço privilegiado para abrigar salas de cinema. Segundo Vilém Flusser existe aí uma grande relação de consumo, quando geralmente a praça de alimentação fica próxima aos cinemas. Após um tempo em cartaz o filme propagado é vendido em DVDs que serão consumidos pela parte da população possuidora de aparelhos para tal função. Depois o

³ Neste novo movimento os filmes apresentavam: penumbras, cenários góticos, espelhos que “roubavam a imagem”, sombras e perspectivas distorcidas. Novos filmes surgiram com Nosferatu (1922), Metrópolis (1927) e M o Vampiro de Dusseldorf (1931).



filme chega as redes de televisão paga (por assinatura) para enfim atingir as redes de tv aberta, chegando a maioria da população.

Neste sentido existe uma grande crítica da academia, em função talvez da influência de um referencial marxista que por muito tempo marcou a produção intelectual quanto a veiculação do filme, de sua imagem e de sua mensagem.

De acordo com Marcos Napolitano o cinema é considerado uma “nova linguagem centenária. Neste tom ele define a situação do cinema e sua relação com a educação pois enfatiza que apesar de centenário, a escola “descobre o cinema” somente no final do século XX. (Napolitano:2005)

Segundo Belloni a relação cinema-escola pode ser possível no campo de atuação pedagógico setorizado conhecido como mídia-comunicação considerando que o cinema é parte da chamada indústria cultural, portanto, uma mídia moderna.

Neste sentido o educador deve levar em consideração alguns fatores importantes na transição do século XX para o XXI. O primeiro diz respeito ao tipo de sociedade que se formou após as grandes transformações sociais ocorridas. Com o desenvolvimento das artes, do rádio, Tv, cinema e internet o tipo de público que chega às universidades de uma forma geral possui íntima relação com o mundo áudio-visual.

Em segundo lugar o cinema é parte da comunicação e cultura de massa além de constituir um grande campo da indústria de entretenimento.

Mas o grande risco que os educadores correm é considerar o filme, uma ferramenta acessória para conseguir atrair alunos apáticos e indisciplinados. Ou mesmo pensar sua exibição mais como um “complemento” da aula. Neste caso o cinema passa a exercer um papel secundário constituindo mais um elemento de segunda importância no processo educacional.

Os autores que tem aprofundado a temática mostraram que a questão é mais complexa. Não se trata apenas de usar o filme para “preencher” um vazio na sala de aula com alunos desmotivados e apáticos. Seguindo esta linha de raciocínio um filme poderia despertar a atenção destes alunos favorecendo sua participação em aula. Mas o problema é que muitos docentes consideram este recurso apenas como mais uma válvula de escape em um contexto de dificuldades crescentes que se apresentam a escola, de forma específica a pública.

Um filme possui uma estrutura em sua produção que deve ser levada em consideração enquanto ferramenta educacional de importância no sentido de uma construção da cidadania e sua parcela de contribuição pela escola ou universidade.

Segundo Demerval Saviani os meios de comunicação de massa não podem ser ignorados pela escola pois exercem influência significativa na vida de crianças e também nos jovens. Este autor considera que a escola deve buscar respostas para as novas necessidades que surgem ou mesmo adaptar o que ele considera alguns dos novos instrumentos no cotidiano do trabalho escolar. (Saviani:1997.)

3. Literatura/Cinema– Abordagens Iniciais.

Aproveitando este espaço houve a preocupação em inserir mesmo que inicialmente uma abordagem enfocando também a literatura como contribuição importante para produção do conhecimento.

A literatura pode ser concebida como um corpo circunscrito de textos escritos apresentando imaginação, pertencente a uma dada língua, nação e período de tempo. Há também as obras que se enquadram na chamada literatura mundial, consideradas portadores de uma beleza formal além de expressarem seu poder emocional.

Os textos sobre literatura comportam algumas definições importantes dentre as quais destacaremos três: a distinção entre os textos literários em relação a outros textos, a possibilidade de uma “reação estética por arte do leitor” e por último a sua função social. Quanto a terceira definição é importante considerar a literatura como prática social institucionalizada e historicamente variável. No século XX a academia tem desempenhado um papel vital em relação ao mundo artístico da literatura.

Já no caso específico da história, com o desenvolvimento da Escola dos Annales, as possibilidades de um diálogo com as demais disciplinas da área de humanidades foi algo crescente. Se no século XX a escrita histórica apresentou transformações importantes com novos padrões institucionais e intelectuais abrindo o caminho para uma maior especialização. Por outro lado houve uma grande renovação no aspecto intelectual. Tal renovação fez com que os historiadores recorressem a outras disciplinas acadêmicas buscando novos “insights” teóricos e metodológicos permitindo maior expansão e



redefinição da orientação política em relação a historiografia tradicional. Na intenção de compreender o passado utilizando formas inovadoras os historiadores passaram a dialogar com a antropologia, sociologia, economia e maior contato com a crítica literária.

“De fato, o único traço verdadeiramente distintivo da nova abordagem cultural da história é a abrangente influência da crítica literária recente, que tem ensinado os historiadores a reconhecer o papel ativo da linguagem dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica”.⁴

Não vamos adentrar o debate teórico a respeito das possibilidades entre história e literatura porque este não é o objetivo do presente artigo. Há neste caso específico a busca de subsídios para compreendermos as contribuições de uma relação entre as disciplinas arroladas no início do trabalho. Um debate mais profundo seria objeto de pesquisas posteriores.

Porém torna-se imprescindível considerar que o uso de métodos da crítica literária na análise e interpretação de textos e problemas históricos abre o leque para questões importantes de contribuição para os historiadores. Haiden White, tentou explicar os códigos literários da historiografia clássica remontando às diferentes modalidades historiográficas de enredo, argumento, ideologia e tropos. Assim as obras de história apresentariam um conteúdo estrutural, poético e de natureza lingüística.⁵

Retomando a proposta inicial do presente estudo, esta abordagem busca estabelecer uma conexão entre a história, cinema e literatura. A respeito da complexidade deste tema é possível perceber tal contribuição no aspecto teórico como no aspecto educacional pois a escola não é na atualidade a única transmissora do conhecimento.

O cinema, o vídeo e a televisão transformaram-se em meios de veiculação das mensagens que “chegam” mais rápido em casa ou nos shoppings centers iniciando uma concorrência na qual educadores começam a debater com maior intensidade. A crescente presença destes elementos no cotidiano das populações mostra que uma nova configuração de conceitos no âmbito do ensino-aprendizagem estava se desenvolvendo. Os reflexos sobre o campo da educação e na produção do conhecimento foram visíveis. No início dos

⁴ HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. Trad. Jéferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p.133.

⁵ Idem, ibidem. P.146.

debates o questionamento principal dos educadores eram os efeitos negativos produzidos pelos meios de comunicação de massa. Novas correntes de pesquisadores tem apresentado uma visão mais otimista a respeito da mídia, embora com cuidado em uma sociedade audiovisual como a brasileira.

Neste contexto é importante ressaltar que a relação da mídia com a literatura tem se manifestado de forma intensa de uma maneira geral. No caso da televisão as adaptações para as miniséries encontram um campo fértil visando marcar (e conseguir mais telespectadores) o horário noturno com a produção nacional.

No cinema a relação com a literatura é de extrema proximidade pois elementos textuais e ficcionais permitem-nos observar que a linguagem cinematográfica está construída neste contexto. Os best sellers são adaptados aos roteiros de cinema servindo de inspiração aos diretores que buscam inserir seus trabalhos em um contexto de acirrada competição. É o caso recente do Código da Vinci que embora polêmico alcançou grande repercussão nas telas do mundo inteiro uma vez que levanta questões consideradas essenciais para o cristianismo.

Podemos considerar que existe uma relação transtextual entre cinema e literatura permitida pela intertextualidade, quando um texto é unido ao outro mediante alusões textuais ou paratextuais. Assim a obra literária que seria o ponto de inspiração para o diretor atuaria como um hipotexto que daria origem ao hipertexto representado no roteiro.

Mas o que é a narrativa cinematográfica? Ela é um texto cuja composição é marcada por sons, imagens e discursos verbais importantes para a compreensão do espectador. Este discurso está presente embora a projeção visual constitua uma espécie de atrativo durante a exibição de um filme.

No caso de um livro ou conto literário quando ele é adaptado para um roteiro ele passa a ser um outro texto porque as técnicas de linguagem são representadas por elementos que as distinguem.

No mundo cinematográfico um filme tem início com uma nova idéia que passada para o papel torna-se o argumento. Este apresentado a um roteirista que desenvolve as seqüências onde estão presentes as cenas e os diálogos compondo o roteiro.

“O roteiro é o guia básico para o diretor, que pode fazer algumas alterações ao longo da filmagem. Eventualmente, a mesma pessoa pode acumular as funções de argumentista, roteirista e diretor, mas é mais comum o roteiro ser feito por profissional especializado”.⁶

O romancista quando propõe a sua ficção deve se preocupar com as personagens sempre passando por um processo de seleção. O escritor a partir de sua vivência e formação, passa para o papel suas idéias e os principais elementos visando uma síntese constituindo parte da trama.

Ao estudarmos o cinema percebemos sua grande característica como arte narrativa e no seu desenvolvimento o elemento ficcional é bem procurado pois a chegada do som permitiu a ação dialógica e o gênero dramático passou a ocupar um lugar privilegiado. Assim o cinema foi se consolidando como expressão dramática apresentando uma característica marcante: quando olhamos para a tela devemos levar em conta que houve uma preparação de roteiro, filmagens e edição do produto.⁷

Na transposição do texto literário para o cinematográfico ocorrem transformações pois as linguagens utilizadas são diferentes e o adaptador de uma determinada obra, mesmo fazendo uma leitura literal, expõe sua visão, sua interpretação levando até mesmo a rupturas do texto inicial.

O filme *O Nome da Rosa* trata do contexto medieval mostrando o cotidiano de homens em um momento da história quando o teocentrismo tinha influência determinante nas relações sociais. Adaptação da obra de Umberto Eco, ele deve ser observado com muita atenção pois seus diálogos apresentam elementos da filosofia, história, sociologia, psicologia e teologia, que permitem um enriquecimento quanto ao conhecimento acadêmico apresentando a contribuição da imagem e do som.

Como os debates enfocando adaptações é intenso e profundo não vamos já entrar em seu âmago pois este trabalho tem apenas como objetivo abrir o caminho para pesquisas e indagações futuras.

⁶ NAPOLITANO, Marcos. Como Usar o Cinema na Sala de Aula. São Paulo: Contexto, 2005 p.57.



Conclusão.

Esta é uma abordagem inicial acerca das possibilidades do cinema para a escola e em nosso caso específico para a universidade.

Não pretendemos encerrar o debate por aqui, mas retomar tais questões com mais profundidade em eventos futuros ou mesmo projetos de pesquisa que serão desenvolvidos acerca da temática.

Tanto o material do minicurso como o texto hora produzido, fazem parte de indagações iniciais acerca do cinema e seu uso na escola. Como já era uma prática há bom tempo utilizada em sala de consideramos importante iniciar uma discussão a este respeito uma vez que novos desafios surgem constantemente no processo de produção do conhecimento.

Quando buscamos compreender um filme, devemos levar em conta que enquanto discurso sua característica fundamental é a natureza heterogênea. Várias texturas e unidades são selecionadas e acabam se unindo no processo de montagem abrindo o caminho para a narrativa.

Uma montagem permite verificar o quanto as estruturas de um filme são utilizadas no âmbito técnico conduzindo o espectador ao imaginário tratando das ilusões que além de perceptíveis tornam-se visíveis.

Referências Bibliográficas.

ANDREW, J. Dudley. As Principais Teorias do Cinema. Uma Introdução. Trad. Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

DUARTE, Rosália. Cinema&Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERRO, Marc. Cinema e História. Trad. Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

⁷ LEONE, E. & MOURÃO, M. D. Cinema e Montagem. São Paulo: Atica, 1987.



FERREIRA, Érica Eloise Peroni. Transposição da Literatura Para o Cinema: Reflexões Preliminares. IN: Intercom Junior: Jornada e Iniciação Científica em Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais**. Brasília: UNB, 2006.

HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEONE, E. & MOURÃO, M. D. Cinema e Montagem. São Paulo: Atica, 1987

NAPOLITANO, Marcos. Como Usar o Cinema em Sala de Aula. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SAVIANI, Demerval. Brasil: Educação Para a Elite e Exclusão Para a Maioria. Comunicação e Educação. No. 8. São Paulo: CCA/ECA/USP, Moderna, 1997.